

JOHN FREDERICK CHARLES FULLER (1878 - 1966)
"DO ESTRATEGO AO ESTRATEGISTA"

João Vieira Borges

JOHN FREDERICK CHARLES FULLER (1878 - 1966)
"DO ESTRATEGO AO ESTRATEGISTA"

*João Vieira Borges **

O Exército Britânico produziu um número de homens inesquecíveis, ricos em ideias, mas nenhum entre eles foi tão fecundo como Fuller...

(Lidell Hart, in *Tanks*, p. 221)

1. Introdução

John Frederick Charles Fuller, General Inglês e Escritor, que marcou o período das duas guerras mundiais pelas suas acções e pelos seus escritos, é bem conhecido nas diferentes escolas militares, desde o Reino Unido à França, assim como nos diferentes institutos e universidades, que abordam assuntos da área da Segurança e Defesa. No entanto, em Portugal, é pouco estudado nos Estabelecimentos Militares de Ensino Superior e praticamente desconhecido no meio académico civil. Daí o facto de termos aceite o desafio de escrever um pequeno texto sobre a vida e obra de Fuller, no sentido de transmitirmos, a um público mais vasto e leitor assíduo da revista *Estratégia*, o conhecimento mínimo e as pistas necessárias e adequadas a estudos de maior profundidade.

Encontrámos a obra de Fuller, pela primeira vez, no Instituto de Altos Estudos Militares, aquando do Curso de Promoção a Oficial Superior, no início dos anos 90 e na sequência de um trabalho sobre "A influência da tecnologia sobre a arte de comandar". Nessa altura, a obra "A influência do Armamento na História" (com tradução do então Major Loureiro dos Santos), marcou-nos profundamente, quer sobre o ponto de vista da objectividade das suas teses, quer sobre a perspectiva da aplicabilidade das várias ciências ao conhecimento militar. Alguns anos depois, e já na Academia Militar, passámos a utilizar a figura de Fuller como referência dos trabalhos relativos a "Pensadores da Estratégia", distribuindo aos futuros oficiais um pequeno texto intitulado "Do General ao Escritor".

Escrever sobre alguém (Do General como decisor e Estratego, ao Escritor como investigador e Estrategista) que tem no seu currículo uma carreira militar com acções

* Tenente-Coronel de Artilharia; Mestre em Estratégia pelo ISCSF; Professor da Academia Militar.

consonantes com as suas teorias e, simultaneamente, com cerca de 40 obras (entre 1907 e 1965) e 100 artigos publicados em jornais e revistas, é tarefa sempre inacabada, sobretudo se pensarmos que grande parte dos seus estudos constituem referência bibliográfica obrigatória de temas que vão desde a História Militar, à Tática e à Estratégia.

Assim, e depois de uma leitura atenta das suas principais obras e de um estudo cuidadoso da sua vida, optámos por uma metodologia de análise que passará por uma síntese biográfica (entender a pessoa), a que se seguirá uma análise do Estratega ao Estrategista (a sua acção e obra), para terminar com umas considerações finais, que esperamos levem os espíritos mais curiosos à leitura (ver bibliografia), sempre actual, da obra de Fuller.

2. Síntese Biográfica

John Frederick Charles Fuller, nasceu em Chichester, Sussex, Inglaterra, a 1 de Setembro de 1878 e viria a morrer, com 87 anos de idade, em Fevereiro de 1966.

Filho de pai inglês e de mãe francesa (Selma Marie Philippine de la Chevallerie), amava a verdade com uma força pouco habitual e possuía uma força de vontade que se detectava facilmente ¹.

Foi aluno da Academia Militar de Sandhurst, e fez estudos católicos, interrompidos por um período de três anos em Lousanne, onde aprendeu a falar francês com alguma fluência.

Participou na guerra contra os Boers, na África do Sul, entre 1899 (com 21 anos) e 1902, tendo posteriormente sido colocado na Índia. Retornado a Inglaterra como ajudante de campo de um Batalhão de Infantaria territorial, foi depois oficial de metralhadoras numa Brigada de Infantaria e depois de 1913, como Capitão, começou a publicar artigos de cariz essencialmente técnico na revista *Army Review*. Nesse mesmo ano, foi admitido na Escola de Estado-Maior de Camberley, onde o espírito crítico lhe grangeou a animosidade dos seus professores.

No início da Grande Guerra (I GM) foi colocado em Southampton para organizar os transportes, tendo posteriormente sido nomeado oficial de operações do II Exército, estacionado em Tunbridge Wells.

Tendo-se especializado no emprego dos Carros de Combate, foi ainda oficial de Operações no VIII Corpo do III Exército britânico em França. Em Dezembro de 1916, foi nomeado oficial de informações do corpo de metralhadoras, ou seja, do corpo que então possuía os carros de combate, tendo sido Chefe do Estado-Maior do Corpo Real de Blindados, entre 1916 e o final da I GM, em 1918.

Introduzindo conceitos novos, concebeu nestas funções o ataque realizado por carros de combate, contra os alemães, em Cambrai (França), no mês de Novembro de 1917, considerado o primeiro empenhamento blindado na História da Guerra.

Depois da I GM, foi nomeado para criar e organizar um corpo blindado no âmbito do "Plano 1919", no Ministério da Guerra. Foi depois director de instrução e professor de

¹ *Memoirs of an Unconventional Soldier*, Londres, 1936, citado em J.F.C. (Boney) Fuller: *Le Plus Grand Penseur Militaire du XXe Siècle*, Jean-Jaques Langendorf.

História Militar em Camberley (no Staff College), em 1922 e, em 1926, foi nomeado adjunto do Chefe de Estado-Maior Imperial britânico.

Foi promovido a Major-General em 1930 e depois de ter recusado um comando de um distrito militar nas Índias (a sua postura permanentemente crítica, levou-o a algumas inimizades no seio do alto comando britânico, facto que teve repercussões na própria carreira), reformou-se em 1933, com 55 anos de idade, para se dedicar ao papel de comentador (no Daily Mail) e de escritor militar, faceta da sua vida que lhe daria ainda maior notoriedade.

Seguiu então, como correspondente de guerra, as campanhas da Etiópia e de Espanha (1935-1939), e foi, durante o decurso da II GM, um dos comentadores militares mais apreciados da imprensa britânica.

Se até então as suas obras eram essencialmente ligadas à tática e à estratégia, a partir da reforma passou a dedicar-se a grandes obras de história militar e de personalidades da história universal.

Ficou marcado para a História, fundamentalmente como um dos primeiros adeptos da força mecanizada e da guerra móvel, como de seguida descreverei com maior pormenor.

Das suas numerosas obras, que já levaram alguns autores a classificá-lo como um dos grandes pensadores militares do século XX², destacamos as seguintes, por ordem cronológica:

- *Training Soldiers for War* (1914);
- *Tanks in the Great War* (1920);
- *The Reformation of War* (1923);
- *Sir John Moore's System of Training* (1925);
- *The Foundations of the Science of War* (1926);
- *Imperial Defense* (1926);
- *The Generalship of Ulysses S. Grant* (1929);
- *India in Revolt* (1931);
- *War and Western Civilization* (1932);
- *The Dragon's Teeth* (1932);
- *Grand and Lee* (1933);
- *Empire Unity and Defense* (1934)
- *The Army in my Time* (1935);
- *Memoirs of an Unconventional Soldier* (1936);
- *The First of the League Wars* (1936);
- *Generalship, Its Diseases and Their Cure* (1936);
- *The Last of the Gentlemen's wars* (1937);
- *Decisive Battles* (1940);
- *Armoured Warfare* (1943);
- *Armament and History* (1946);
- *The Second World War* (1948);
- *How to Defeat Russia* (1951);
- *The Decisive Battles of the Western World*, 3 vols (1954-6);
- *The Generalship of Alexander The Great* (1958);

² Ver, Langendorf, Jean-Jacques, J.F.C. (Boney) Fuller, "Le Plus Grand Penseur Militaire du XXe Siècle?", *Revue Stratégique*, n.º 76.

- *The Conduct of War* (1960);
- *Júlio César* (1965);

Entre estas, destacam-se os três volumes de *As Batalhas decisivas do Mundo Ocidental*, *A Conduta da Guerra* e *a Influência do Armamento na História*, obras normalmente traduzidas e estudadas na maior parte das escolas militares europeias.

Viria a falecer em 1966, pouco tempo depois da publicação de mais uma obra biográfica (*Júlio César*), deixando atrás de si um rasto de conhecimento militar de cariz indiscutivelmente intemporal.

Alguns dos seus traços de personalidade encontramos-los nas palavras que, em 1917, escreveu o capitão (e deputado) Evan Charteris: “Um homem de pequena estatura com um nariz de forma napoleónica (o que associado ao fluente francês lhe deu a alcunha de ‘Boney’); soldado não conformista, com pensamento fecundo e uma retórica intocável, guerreira as ordens recebidas, a autoridade e a tradição; espirito vivo e elevado sentido de humor; as suas especialidades são a religião oriental, a história militar e a teoria da guerra; grande leitor de Shakespeare e escritor fácil; conhecedor como ninguém dos carros de combate, constituiu um elemento inestimável, tanto do ponto de vista militar como social.”³

Nas palavras avisadas de Liddell Hart (in *Tanks*, p. 221), graças a Fuller, pela primeira vez os chefes dos exércitos continentais se viraram para Inglaterra para dele receberem lições profissionais.

3. Do Estratego ao Estrategista

Como militar de carreira, Fuller desempenhou funções até ao posto de Major-General, tendo tomado decisões e influenciado muitas outras com o seu saber e carisma, numa posição de verdadeiro Estratego⁴ (actor e decisor estratégico). O auge terá sido atingido em Cambrai, onde pode aplicar, no terreno, as teorias que tanto debatia e escrevia.

Por outro lado, a perspectiva do Estrategista, associada pela escola francesa de Estratégia⁵, a todos aqueles que apoiam ou influenciam a tomada de decisão de nível estratégico e a todos os estudiosos do fenómeno estratégico, cabe, no corpo de Fuller, sobretudo à sua vertente da escrita e do comentário.

Assim, podemos sem grande margem de erro salientar o facto de, neste caso, termos em determinado período da sua vida (até à reforma) um Estratego simultaneamente Estrategista. Posteriormente, terá contribuído, e esperamos que continue a contribuir, para a formação de Estrategos e Políticos, com os escritos que nos deixou.

Desde a juventude, que Fuller se mostrou curioso e que as suas leituras eram maioritariamente da área da história, mas também da filosofia, da religião, da ciência à literatura.

Fuller estava convencido que as descobertas provenientes de outras disciplinas científicas poderiam ser aplicadas ao estudo da Guerra. Esta visão ambiciosa e as caracteris-

³ E. Charteris, H.Q. Tanks, 1917-1918, citado por B.H. Liddell Hart, in *The Tanks*, p. 120.

⁴ Segundo Horta Fernandes, in *O Homo Strategicus*, p. 273, o Estratego é aquele que toma as decisões efectivas, embora utilize os conceitos que o estrategista lhe fornece. Por sua vez, o estrategista poderia actuar como observador exterior, não pressionado pelo tempo. A sua actividade (tal como aconteceu com Fuller após a reforma antecipada) pode ser tão empenhada e participativa quanto a do estratego.

⁵ Ver, Hervé Coutau-Bégaric, *Traité de Stratégie*, Economica, Paris, 2002.

ticas revolucionárias das suas teses, ainda como jovem capitão, teve como efeito “agitar o *establishment* militar britânico” e Fuller passou a ser conhecido também como crítico e filósofo da Guerra, para além de Historiador.

Inicialmente, o pensamento de Fuller foi marcado pela doutrina da escola francesa de Ardant du Pic e de L. de Grandmaison, os quais colocaram em relevo a importância das forças morais na Guerra. O factor psicológico na guerra, tanto ao nível do soldado como ao nível do civil, ocupa também uma parte de destaque nos seus escritos.

Durante a guerra de 1914/18, desenvolveu as suas primeiras teorias sobre o combate moderno. Segundo Fuller, a invenção do carro de combate (CC) oferecia um modelo único para desmoralizar e desequilibrar o adversário, antes de o destruir completamente. Para Fuller, o CC ultrapassava as dificuldades em harmonizar o movimento e o fogo e o movimento e a protecção, como elementos essenciais do combate. Todas as acções entretanto mal sucedidas com CC, tinham como pano de fundo a sua incorrecta utilização sobre um terreno desfavorável e com um número insuficiente.

A sua grande oportunidade surgiria com a participação directa no ataque realizado pelos aliados, contra os alemães, em Cambrai (França), em Novembro de 1917, conhecido como o primeiro empenhamento blindado na História da Guerra ⁶. O objectivo dos aliados era então executar uma penetração de surpresa nas quatro linhas de entrenchamentos, em 12 horas, sem qualquer preparação preliminar de artilharia. Segundo as suas palavras, nove Grupos de CC, num total de 378 ⁷ CC, precediam (agrupados a três) o 2.º Corpo de Exército (CE) de Infantaria sobre a linha de Hindinburgo (Siegfried), o sistema de entrenchamento mais poderoso da frente ocidental (este método conservou-se até ao final da guerra, do que resultou uma vasta redução da taxa de perdas relativamente ao terreno conquistado ⁸). Este sistema era protegido por redes de arame farpado, cuja rotura teria exigido semanas de bombardeamento e milhares de toneladas de granadas de artilharia. O assalto, levado a efeito às 6 horas de 10 de Novembro de 1917, fez com que o inimigo recuasse em pânico e, às 16 horas, tinha sido feita uma penetração de 10 km (dos 13 Km necessários), com 8.000 prisioneiros (o dobro das baixas sofridas pelos dois CE atacantes) e uma centena de canhões/obuses capturados ⁹. Para os alemães, constituiu uma surpresa completa, pois, pela primeira vez, os CC ocuparam as suas posições de combate durante a noite sem serem detectados. Para Fuller, Cambrai marcou o nascimento de uma nova época na história da guerra.

Mais tarde, no plano que apresentou ao Ministério da Guerra para a campanha de 1919 (feito em 1918 e aprovado pelo Marechal Foch), Fuller previu, com grande precisão, as transformações que viriam a suceder: o declínio da cavalaria montada e o desenvolvimento do CC e do avião. Previu ainda (apesar a oposição da maioria dos seus

⁶ Os CC tinham sido empregues pela primeira vez em 15 de Setembro de 1916, durante a Batalha de Somme, altura em que poucos entraram em combate, por falhas mecânicas e dificuldades do campo de batalha.

⁷ Segundo a sua própria versão (em *A conduta da Guerra*) que difere da de outros autores.

⁸ Fuller apresenta os seguintes números: durante a Batalha do Somme (Julho e Novembro de 1916) o número de soldados ingleses mortos e feridos elevou-se a 5.277 por milha quadrada conquistada; durante a Batalha de Passchendaele (Julho a Novembro de 1917) a 8.222; de Julho a Novembro de 1918, pelo contrário, quando os CC foram utilizados em grande número, este valor caiu para 86!

⁹ Só em Amiens, a 8 de Agosto de 1918, com 462 CC em cooperação com a aviação, à frente de 3 CE do IV Exército Britânico, sob o comando de Sir Henry Rawlinton, seriam aplicadas verdadeiramente as ideias de Fuller...

camaradas de armas, em especial dos cavaleiros como o Major-General L. Jackson), uma cooperação entre estas duas armas, semelhante à do soldado de infantaria com o cavaleiro¹⁰, naquilo que viria a ser a guerra relâmpago (Blitzkrieg) empregue pelos alemães na II GM e traduzida no emprego conjunto das Divisões Blindadas e dos aviões (onde o emprego do rádio para o comando e controlo seria importante, a par da evolução dos próprios carros de combate). Mas a sua visão foi ainda mais longe, pois pressentiu um tal progresso no domínio tecnológico, que a própria essência da Guerra seria perturbada (arma nuclear). O potencial de destruição seria de tal modo forte, que o impacto psicológico deveria suplantar a destruição física do adversário.

Depois da I GM, Fuller orientou a sua atenção para os aspectos técnicos e táticos da Guerra, consagrando uma parte significativa da sua energia à elaboração de uma doutrina específica da Guerra, que apareceu na sua obra *Foundations for a Science of War*, escrita em 1926. Ele não era o único a pretender desenvolver as armas mecanizadas em Inglaterra. Giffard Martell e depois B. H. Liddell Hart, estavam igualmente convencidos da utilidade dos carros de combate, no entanto, os alemães ultrapassariam na acção o pensamento inglês.

Em termos táticos, Fuller desenvolveu a doutrina da «trindade tática», consolidada na trilogia “protecção, potência ofensiva e mobilidade”, e numa perspectiva de combates muito rápidos. A mecanização é, segundo Fuller, o meio de colocar as suas teorias em prática (se falharem os envolvimento, a guerra transformar-se-á inevitavelmente numa guerra de desgaste, dado o aumento do poder defensivo...). O CC, com a artilharia e a aviação, permitem a um exército moderno adquirir os meios de se proteger (artilharia), de atacar rapidamente utilizando o efeito surpresa (carros), de se mover à vontade (carros) e de se infiltrar através das linhas inimigas, a fim de conhecer os movimentos dos adversários e de desmoralizar as populações (aviação). A coordenação de todas estas armas assegura a eficácia de toda a empresa. Para Fuller, os exércitos que melhor soubessem explorar estas novidades tecnológicas e estratégicas, estabeleceriam a sua superioridade.

Em termos estratégicos, Fuller escreveu por diversas vezes que a era da “Estratégia de Desgaste” terminaria com a I GM. O conflito moderno, semelhante ao combate naval, iria opor-se às «frotas terrestres». Para Fuller, o movimento, a mobilidade e a rapidez dos carros dariam uma nova dimensão ao efeito de surpresa (Blitzkrieg – Guerra relâmpago empregue pelos alemães). Mas, se Fuller antecipou o sucesso que uma tal táctica deveria gerar, ele não previu os obstáculos que iria suscitar. A sua convicção de que a fricção em guerra, tal como nos conflitos de tipo prolongado, iria a pouco e pouco desaparecer, manifesta um optimismo e uma confiança desmesurados quanto à faculdade que pode ter o progresso técnico de transformar as regras fundamentais da arte da guerra.

Em termos da arte da Guerra, Fuller tentou responder de modo definitivo à questão relativa à arte ou ciência (questão que todos os grandes estrategos colocaram ao longo dos séculos), adoptando um método diferente dos seus predecessores. Apesar da história demorar a tornar-se num campo experimental através do qual são elaboradas as doutrinas da guerra, Fuller preferiu apoiar-se noutras disciplinas científicas para estabelecer os

¹⁰ “Em vez de lançar o ataque inicial contra a frente inimiga, tratava-se de o lançar sobre as retaguardas inimigas, em especial sobre os postos de comando e sistemas de serviços, graças à penetração súbita e brusca de poderosas forças de CC, cobertas pela aviação”.

fundamentos da sua metodologia, utilizando os exemplos históricos para ilustrar as suas teorias. Ao longo da sua exposição, recorreu à dialéctica para analisar os diversos sujeitos que tratava. O Exército, era, na sua perspectiva, semelhante ao corpo humano. Seria constituído por diversos organismos, em harmonia uns com os outros, e estaria permanentemente ocupado em controlar os seus diversos órgãos e em satisfazer as suas necessidades. As guerras podiam classificar-se em duas categorias: as dos objectivos limitados e as dos objectivos ilimitados, sendo normalmente as primeiras, e não as segundas, que haviam sido mais proveitosas para os vencedores.

Com as ciências exactas, Fuller pretende fazer desviar as leis causais próprias à Guerra. Como princípio primeiro, ele escolhe a economia das forças. Ele vai construir a sua doutrina a partir deste princípio. E esta repousa sobre três elementos: estabilidade, actividade e cooperação. A partir destes três elementos, ele considera três tipos de forças essenciais à vitória:

- O desejo de se proteger;
- A potência necessária para combater;
- A capacidade de se mover rapidamente.

Se o objectivo de Fuller de formular uma verdadeira ciência da Guerra, se tornou demasiado ambicioso, teve, pelo menos, o mérito de provocar uma pequena revolução entre os estrategos militares, num período de grandes mutações sociais, políticas e tecnológicas. Sublinhou então o facto do fenómeno da Guerra não poder ser isolado do seu ambiente social e político. A Guerra, segundo Fuller, não pode ser preparada correctamente senão através de uma boa compreensão da paz. Estes princípios teóricos constituem o fundamento da doutrina estratégica e táctica assentes sobretudo em Clausewitz.

Fuller tinha a convicção de que a evolução da tecnologia conduziria a uma estratégia assente na qualidade das armas e dos homens, em detrimento da quantidade. Como outros da mesma época, tal como de Gaulle, estava convencido que a era da massa humana terminara. Para Fuller, o Exército do futuro seria um Exército de soldados profissionais, apesar dos custos elevados associados à mecanização levarem à redução do número de homens. As armas clássicas, cavalaria e infantaria, estavam ameaçadas de desaparecimento.

Os dois primeiros anos da II GM, provaram a acuidade da sua visão da guerra moderna. No entanto, a partir de 1941, nas frentes russa e inglesa, a superioridade do CC atingiu o seu apogeu. O valor das armas clássicas e o peso do número, tem por relação um exército alemão altamente mecanizado, mas paralisado pelas intempéries, ultrapassado pela própria velocidade e incapacidade de se adaptar a uma situação que não havia previsto e a um tipo de conflito que queria evitar. O fenómeno da fricção (desgaste) que Fuller pensava estar eliminado do combate moderno, manifestava-se mais do que nunca e parecia provar que a guerra continuaria a ser regida pelos mesmos princípios do passado.

Entre as suas obras traduzidas em português, destacam-se *A Influência do Armamento na História* e *A Conduta da Guerra*.

Na sua *Influência do Armamento na História*, uma excepcional “visão global da evolução da guerra” segundo o General (então Major) Loureiro dos Santos¹¹, divide as

¹¹ Que nunca se esquece de citar Fuller na bibliografia das suas inúmeras obras.

várias épocas históricas em: da Bravura; da Cavalaria; da Pólvora; do Vapor; do Petróleo (I e II); e da Energia Atômica. Destaca ainda, a páginas 16 da tradução de Loureiro dos Santos, o facto de que “são os utensílios, ou seja as armas, que, uma vez obtidas as mais adequadas, entram em 99% na obtenção da vitória... A estratégia, o comando, os chefes, a coragem, a disciplina, o reabastecimento, a organização e tudo com uma grande superioridade no domínio do armamento. Quando muito constituem o 1% para completar o total.”. Na prática, Fuller expunha uma lei tripla, que para além de incluir a tese acima citada, destacava que havia sempre interacção entre a guerra e a civilização (e que esta imprimia a sua forma à guerra) e que a aparição de uma arma nova foi sempre seguida de uma contra-arma que a privava da superioridade exorbitante (lei do factor táctico constante). Desde jovem capitão que defendia que a táctica era uma servidora do armamento e não o contrário. Outra questão polémica, foi a sua posição de que a guerra funciona, frequentes vezes, como catalisadora do desenvolvimento técnico.

Dos elementos essenciais do combate, destaca o movimento, o fogo, o choque, a protecção, e o comando-ligação. Destaca também o conceito de arma dominante ou decisiva, salientando que é à volta dela que se deve efectuar a organização dos aparelhos militares. Das cinco características dos instrumentos de guerra — alcance, poder de destruição, precisão, volume de fogo e facilidade de entrada em posição — considera o alcance como o mais influenciador da arma dominante (da espingarda, à artilharia até a aviação, como limitadoras das distâncias, frentes e profundidades...).

A Conduta da Guerra constitui uma análise das influências e pressões que os factos políticos (especialmente as revoluções), económicos e sociais, exercem sobre os conflitos armados (não esquece o declínio da aristocracia, o advento da democracia, o desenvolvimento da indústria e do capitalismo, o aparecimento das massas e do socialismo, os progressos da ciência e da técnica, o crescimento das populações e da pressão popular, a decadência da religião e a ascendência crescente do materialismo...). A sua análise remonta a 1789 e termina com as duas guerras mundiais, com destaque para a repercussão das revoluções Francesa, Industrial e Russa na Guerra e na sua conduta. Apresenta ainda as teorias de Clausewitz (“porque foi o primeiro e continua a ser, um dos poucos homens que compreenderam a guerra”) e analisa figuras como Moltke, Foch e Bloch. Não concorda totalmente com Clausewitz no que respeita à finalidade da guerra (derrota total do inimigo), já que uma paz vantajosa não exige, na sua perspectiva, a aniquilação do inimigo. Para Fuller, a paz era o objectivo final da guerra, pensamento que Clausewitz já reflectira no *Da Guerra*.

Em termos da grande estratégia, defende as posições de Clausewitz (a essência da grande estratégia é a sua subordinação à política, qualquer que esta seja, e sua execução deve permitir-lhe atingir seus fins) e adapta-as desde os tempos de Alexandre aos anos da II GM.

Na prática, conduta da guerra e Estratégia são o mesmo para Fuller, mas com palavras distintas (para alguns autores é um tratado de estratégia com um sentido prático apurado). Escreveu por várias vezes antes de se reformar, em 1933, que o bom General deveria possuir três qualidades essenciais (e que a maioria do corpo de generais inglês não possuía): a coragem; a inteligência criativa e a forma física, o que implicava uma idade ideal entre os 35 e os 45 anos.

Depois de 1945, Fuller preferiu os estudos de História Militar às considerações teóricas que o haviam apaixonado na juventude. Durante este período da sua vida,

produziu aquela que é considerada a sua obra maior, *The Decisive Wars of the Western World and their Influence upon History* em 3 volumes (1954-56)¹², uma outra obra histórica sobre a II GM, *The second World War, 1939-45*, em 1948, assim como diversas biografias de «grandes capitães», desde Alexandre o Grande a Júlio César.

Fuller considerava, nesta altura, que quanto mais estudava a história da Guerra, mais apto ficava para compreender o fenómeno guerra em si mesmo (e a sua aplicação aos dias de hoje, comparando as campanhas de Alexandre com a guerra moderna).

Visões sempre personalizadas da história militar, para militares e civis lerem com toda a atenção.

4. Considerações Finais

Do militar de excelência, criativo e prospectivo, que chegou a aplicar os seus conhecimentos no teatro de operações em Cambrai, ao crítico, comentador e escritor de referência, que nos legou uma obra para ler e reler, encontramos em Fuller a simbiose do verdadeiro Estratega, simultaneamente Estrategista.

Fuller, juntamente com Liddel Hart, Guderian, Doueh e o legendário T. E. Laurence, assistiu a uma evolução significativa dos instrumentos da Guerra e da Tecnologia em geral e ficará para a História como um dos “visionários”, no que diz respeito às teorias bélicas, tendo sido um dos primeiros a compreender a importância dos elementos Blindados na Guerra. Muito escreveu (da trindade táctica, à lei tripla) e agiu (Cambrai), no sentido de doutrinar a nova arma decisiva (CC, a par do avião), no entanto, após a I GM, foram infelizmente os alemães que lhe deram mais ouvidos consubstanciando a Blitzkrieg.

Observador profundo do social, mas também da evolução tecnológica, contribuiu para que o conceito de Estratégia aprofundasse o seu carácter combinatório e começasse a integrar, progressivamente, factores técnicos que estenderam, no tempo e no espaço, a acção do comandante sobre os seus exércitos e tornaram a Estratégia na arte da distância.

Do seu legado para a História, destacamos as cerca de 40 obras e 100 artigos que nos trouxeram uma nova visão da força mecanizada e da guerra móvel, uma alteração significativa do pensamento militar e uma influência enorme sobre a reflexão militar moderna

“Tocador” de vários instrumentos da ciência militar, desde a táctica, à estratégia, passando pela sociologia militar, Fuller foi coerente com os seus escritos, quer no combate quer na vida. A coragem, a inteligência criativa e a forma física que preconizava como qualidades dos generais que deveriam rondar os 40 anos, eram, no fundo, as qualidades de que era portador e de que se começou a sentir limitado na altura em que se reformou antecipadamente, para se dedicar por inteiro à escrita. Verdadeiro intelectual da ciência militar, foi elogiado por muitos ilustres e criticado por muitos incompetentes ou retrógrados (como é a sina dos grandes homens). Teve em Liddell Hart os mais legítimos encómios ao classificá-lo como “um dos raros militares da história com elevada dimensão intelectual e potência imaginativa”, que o comparou a Clausewitz e a Napoleão, no fundo a um Estrategista e a um Estratega....

¹² Para Fuller, a Guerra como instrumento da política era cada vez mais (no final dos anos 50) ele própria a política.

Os ensinamentos de Fuller (para Couteau-Bégarie, o chefe de fila da escola materialista), aplicados aos dias de hoje, quando na nova sociedade da informação nos confrontamos com novos sistemas de armas e com a guerra assimétrica, continuam actuais, sobretudo numa perspectiva de guerra convencional. Em Portugal, associamos amiúdes vezes a imagem do General Loureiro dos Santos ao General Fuller (do “Boney” dos Ingleses, ao “Fuller” dos portugueses), pelas qualidades atrás referidas, por um percurso em muitos aspectos semelhante e, sobretudo, porque muito do seu pensamento foi influenciado pelos escritos de Fuller (dos poucos que o estudaram e traduziram em Portugal).

Terminamos com uma mensagem de alerta para que, ao nível das escolas militares e, sobretudo, ao nível do meio académico em geral, que estuda o fenómeno guerra ou assuntos de segurança e defesa, continuemos a ler e a reler Fuller.

Bibliografia

- AAVV, *Grand Larousse Encyclopédique*, Tome Cinqüème, Librairie Larousse, Paris.
- BRIAN, H. Reid, *J. F. C. Fuller: Military Thinker*, Londres, 1987.
- CHALIAND, Gérard, *Anthologie Mondiale de la Stratégie*, Robert Laffont, Paris, 1990.
- , *Dictionnaire de Stratégie Militaire*, Perrin, Paris, 1998.
- COUTAU-BEGARIE, Hervé, *Traité de Stratégie*, Economica, Paris, 2002, 1030 p.
- FERNANDES, António Horta, *O Homo Strategicus ou a ilusão de uma razão estratégica?*, Edição Cosmos, IDN, Lisboa, 1988, 399 p.
- FULLER, J.F.C., *A conduta da Guerra*, Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro, 1966.
- , *A Influência do Armamento na História*, Tradução do Major Loureiro dos Santos, Lisboa, IAEM, 170 p.
- , *A Military History of the Western World*, New York, Fun & Wagnalls, 1954-1956, 3 vols.
- , *Armament and History: A Study of the Influence of Armament on History from the Dawn of Classical Warfare to the Second World War*, New York, Scribner, 1945, 207 p.
- , *Armored Warfare: An Annotated Edition of Lectures on FSR III*, Harrisburg, PA, Military Service, 1943, 189p.
- , *British Light Infantry in the Eighteenth Century (An introduction to “Sir John Moore’s of Training)*, Londres, Hutchinson, 1925, 255 p.
- , *Decisive Battles: Their Influence Upon History and Civilization*, New York, Scribner, 1940, 1060 p.
- , *Empire Unity and Defense*, Bristol, Inglaterra, Arrowsmith, 1934, 300 p.
- , *Generalship, Its Diseases and Their Cure: A Study of the Personal Factor in Comand*, Harrisburg, PA Military Service, 1936, 99 p.
- , *How to Defeat Russia*, Londres, Eyre & Spottiswoode, 1951, 15 p.
- , *Imperial Defense, 1588-1914*, Londres, Sifton, Praed, 1926, 102 p.
- , *La Dirección de la Guerra*, Ediciones Ejercito, Madrid, 1984, 317 p.
- , *Lectures on FSR II*, Londres, Sifton, Praed, 1931, 3 vols.
- , “O ataque de Forças blindadas”, in *Infantry Journal*, The Tank, Julho 1944, vol. 26, n.º 303, Tradução do EME, artigo n.º 1238.
- , *Pegasus: or, Problems of Transportation*, New York, Dutton, 1926, 95 p.
- , *The Army in My Time*, Londres, Rich & Cowan, 1935, 245 p.
- , *The Conduct of War, 1789-1961: A Study of the Impact of the French, Industrial, and Russian Revolutions on War and Its Conduct*, New Brunswick, NJ, Rutgers University Press, 1961, 352 p.
- , *The Decisive Battles of the Western World and Their Influence Upon History*, Londres, Eyre and Spottiswoode, 1945-1956, 3 vols.
- , *The Dragon’s Teeth: A Study of War and Peace*, Londres, Constable, 1932, 337 p.
- , *The First of the League Wars: Its lessons and Omens*, Londres, Eyre & Spottiswoode, 1936, 319 p.
- , *The Reformation of War*, Londres, Hutchinson, 1923, 287 p.
- , *The Second World War, 1939-1945: A Strategic and Tactical History*, New York, Duell, Sloan and Pearce, 1954, 431 p.

- FULLER, J.F.C., *Thunderbolts*, Londres, Skeffington & Son, 1946, 139 p.
- , *Towards Armageddon: The Defence Problem and Its Solution*, Londres, L. Dickson, 1937, 244 p.
- , *War and Civilization, 1832-1932: A Study of war as a Political Instrument and the Expression of Mass Democracy*, Londres, Duckworth, 1932, 287 p.
- , *Watchwords*, Londres, Skeffington & Son, 1944, 142 p.
- HART, Basil H.L., *The Liddell Hart Memoirs*, New York, Putnam's Sons, 1965, 2 vols
- , *The Tanks*, New York, Praeger, 1959, 2 vols.
- LANGENDORF, Jean-Jaques, "John Frederick Charles 'Boney' Fuller: Le Plus Grand Penseur Militaire du XXe Siècle", *Revue Stratégique*, n.º 76.
- REID, Brian H., *J.F.C. Fuller: Military Thinker*, New York, Saint Martin's Press, 1987, 293 p.
- SANTOS, José Alberto Loureiro dos, *Apontamentos de História para Militares*, Lisboa, IAEM, 1979.
- TRYTHALL, A. J., "*Boney*" Fuller: *Soldier, Strategist, and Writer, 1879-1966*, New Brunswick, NJ, Rutgers University Press, 1977, 314 p.